

A roseira: muitas cores, formas e fragrâncias

A roseira é uma espécie ornamental bem conhecida e com múltiplas utilizações, nomeadamente como ornamental de exterior, planta de interior, como flor de corte, ou como produto para cosmética, entre outras. É, assim, uma das espécies mais cultivadas e difundidas mundialmente, tendo grande relevância económica no paisagismo, na floricultura e indústria cosmética.

A planta

A roseira pertence à família das Rosáceas, género *Rosa*, subgénero *Rosa*, existindo cerca de 100 a 150 espécies e mais de 20 mil variedades. Em termos botânicos, a roseira pertence à mesma família de fruteiras bem conhecidas, tais como o pessegueiro, a ameixeira, a cerejeira ou a macieira, entre outras. A enorme diversidade genética natural da roseira e a intensa actividade de selecção e melhoramento a que tem vindo a ser sujeita desde longa data, resultou num número muito elevado de variedades disponíveis comercialmente. De facto, em países como a Holanda, Alemanha ou França, que têm grande tradição no melhoramento de roseira, são lançadas anualmente no mercado centenas de novas variedades quer para flor de corte ou para jardim, com novas combinações de cores, morfologias das pétalas, caules e folhas, diferente vigor e produtividade, com maior ou menor fragrâncias diversas (mais ou menos frutadas e/ou adocicadas).

Atendendo à complexidade da espécie, a sua classificação não é tarefa simples e suscita por vezes discussão entre entendidos. De qualquer forma, podemos classificar as roseiras de acordo com três grupos principais:

1. Rosas silvestres e híbridos, que crescem espontaneamente na natureza e florescem uma vez ao ano, com flores de quatro a cinco pétalas (*Rosa sempervirens* L., *R. moschata* Herrm., *R. gallica* L., *R.*

damascena Mill., *R. wichuraiana* Crep e *R. rugosa* Thum);

2. Rosas antigas de jardim, muito robustas e resistentes a pragas e doenças, existentes até 1867, ano em que foi obtido o primeiro híbrido. Actualmente, estas rosas têm vindo a ressurgir pela mão e actividade de colecionadores;

3. Rosas modernas (posteriores a 1867), o grupo mais popular, que aloja a maioria das variedades comerciais. Fazem parte deste grupo as roseiras de chá e as floribundas. Ainda dentro deste grupo, encontramos as “Rosas miniatura”, que se caracterizam pela sua pequena dimensão e boa adaptação a condições de baixas intensidades luminosas e portanto ao interior das casas.

As roseiras podem ser também classificadas em função do tipo de floração, existindo variedades ditas *remontantes* (que florescem mais que uma vez ao ano) e outras, ditas *não remontantes*, e cuja floração se concentra num ou dois meses do ano.

Portugal tem também as suas variedades, sendo uma delas a trepadeira “Bela Portuguesa”, muito vigorosa, e com belas flores gigantes, de cor rosa claro. Esta variedade foi obtida pelo botânico Francês Henri Cayeux, aquando da sua estadia em Portugal como responsável pelo Jardim Botânico de Lisboa, no final do século XIX. Outras variedades existem ligadas a actividades de melhoramento de horticultores

Uma das espécies mais cultivadas mundialmente, a rosa dá cor (e aroma) ao jardim ou a uma jarra dentro de casa

afamados portugueses, tais como o Alfredo Moreira da Silva.

Propagar ou comprar, eis a questão?

As roseiras podem ser propagadas por estaca, alporquia ou enxertia. A enxertia pode ser feita por garfo ou borbulha. A enxertia de borbulha (ou gomo) origina plantas de melhor qualidade e menos sujeitas a quebra na zona do enxerto e exige menor quantidade de material de propagação. A enxertia pode ser feita em porta-enxertos (cavalos) baixos (15cm de comprimento), de meia haste (35-40cm) ou de pé alto (155-185cm). Há também a possibilidade de ter roseiras chorão, que são normalmente enxertadas em varas com cerca de 200cm.

Quando a propagação das roseiras não é possível, por falta de material para as estacas, ou devido ao facto de a(s) variedade(s) ser(em) difícil(eis) de enraizar, ou simplesmente porque há falta de tempo (ou jeito!), podem ser adquiridos exemplares com raiz nua, durante o Outono/Inverno, ou então comprar exemplares envasados e com um torrão, que permite a sua transplantação ao longo do ano. As primeiras são mais baratas mas demoram mais tempo a estabelecerem-se.

rem-se. As envasadas, por sua vez, têm a vantagem de terem já torrão feito e podem ser compradas com as flores visíveis, o que pode evitar enganar e desgostos desnecessários. Ao adquirir a planta, num centro de jardinagem ou viveirista, deve solicitar informação sobre a variedade e comprar material certificado. É de evitar a aquisição de plantas com folhagem infectada (manchas negras) ou com um “pé demasiado grosso”, pois trata-se de material velho.

Como plantar e cuidar?

A roseira necessita de muita luz e de solos bem drenados, pois é muito sensível ao excesso de água, que provoca apodrecimento radicular e doenças foliares. Para a plantação deve assegurar-se uma distância mínima de 40-60cm entre plantas, que permite melhor circulação de ar entre elas e a redução da incidência de doenças. No caso do solo ser de má qualidade, pode optar-se por colocar as plantas em pequenos canteiros, com substrato orgânico ou terra preta. Podem também usar-se vasos de grandes dimensões. Para manter as plantas saudáveis, vigorosas e com boa floração torna-se necessário não descuidar práticas como a poda. Esta operação deverá ser efectuada durante o Inverno, quando as plantas estão sem folhas. A poda de Inverno implica o rebaixamento pronunciado dos ramos. Lembre-se que as roseiras trepadeiras não devem ter podas tão severas como as baixas, pois enfraquece a planta e diminui a floração! Na Primavera e Verão fazem-se podas de limpeza, para remover ramos e flores secas ou doentes, e que promovem nova rebentação e floração. A rosa requer cuidados e observações constantes para se prevenir pragas e doenças. Além de manter o jardim livre de material de poda e folhas doentes, há que tratar as roseiras contra insectos (afídeos) e fungos (ferrugem, oídio, míldio, mancha preta), ou bactérias (*Agrobacterium*). Opte por regar junto ao pé, evitando tanto quanto possível a rega por aspersão e molhar a parte aérea, por forma a reduzir a incidência de doenças das folhas.

J. Miguel Costa

Engenheiro agrícola e da Associação Portuguesa de Horticultura

